

Emerson J. Prates – Juiz OBJO/FOB  
texto e fotos

# Melhorando a qualidade dos Periquitos Ondulados Ingleses

Terceira parte

## 1.2. O comportamento dos periquitos australianos em cativeiro (1ª parte)

Há muitos relatos de criadores sobre o comportamento dos periquitos em cativeiro, entretanto pretendo apresentar aqueles que julgo mais importantes ao melhorador. Algumas observações relatadas a seguir são fruto da minha experiência pessoal em 20 anos de amadorismo ornitológico somados ao meu conhecimento da Teoria Evolucionista que fez parte da minha Dissertação de Mestrado em Psicologia e hoje faz parte da minha tese de Doutorado em Psicologia (Psicologia Comportamental de orientação Evolucionista ou Psico-etologia; Psicologia Comparativa e Psicologia Fisiológica).

Os periquitos australianos são aves de comportamento social como todas as espécies da ordem dos psitacídeos e por isso, costumam ser muito dóceis, solícitas ao manejo, vinculando-se facilmente com seu tratador. Basta uma pequena dose de estímulo diário e teremos periquitos que podem chegar a vir pousar em nossos dedos.

Durante minha infância estava sempre em contato com os periquitos, a imitar seus sons, obtendo sempre respostas, o que demonstrou a necessidade natural dos periquitos de interagir com seu ambiente. O fato de apresentarem comportamento social faz dos periquitos aves inteligentes, ou seja, as pressões evolucionistas exigiram o desenvolvimento de uma memória para reconhecer os componentes do grupo social na espécie. Ter uma memória requer certo refinamento do neocórtex cerebral para poder mantê-la, apesar dos periquitos, como todos os psitacídeos, possuírem os olhos dos lados da cabeça e não na frente como nós. O que indica que possuem um campo de visão periférica mais amplo, embora, não sejam tão bons em focalizar objetos como nós. Indício de que seus cérebros não

necessariamente deveriam ser tão evoluídos como o são. Detalhe interessante é que animais que possuem os olhos, de cada lado da cabeça, sempre servem de alimento aos predadores e, portanto, não precisariam pensar muito, apenas fugir quando percebessem a presença de um predador. Indícios de que os psitacídeos são exceções na evolução filogenética das aves.

Meu contato diário com os periquitos possibilitou concluir que eles possuem cada um uma personalidade específica. Alguns periquitos não permitiam a aproximação enquanto outros vinham comer na mão, mesmo, recebendo igual manejo desde o nascimento. Normalmente os periquitos manejados diariamente, desde o ninho, costumam alcançar uma docilidade incrível a ponto de jamais bicarem as mãos do tratador quando imobilizados. Ficou claro também, que aves oriundas de uma linhagem mostravam comportamento diferente das geradas em outra e a curiosidade de algumas pareceu permitir o maior contato delas com o criador. Isso possibilitaria a seleção de linhagens de periquitos dóceis.

Inclusive, os criadores ingleses recomendam treinar os periquitos jovens que mostram postura inadequada ao pousarem no poleiro (abaixo de 30° em relação ao poleiro). Nesse caso o criador deveria isolar o periquito numa gaiola de exposição e fazê-lo tomar a posição correta no poleiro por meio das mãos ou objeto de madeira (batuta de julgamento, poleiro, etc).

As diferenças individuais refletem-se também no comportamento reprodutivo dos periquitos. Há variações na escolha do parceiro ao qual irão acasalar. Alguns machos acasalam-se facilmente com qualquer fêmea, enquanto outros preferem uma única fêmea, geralmente àquela que foi com eles acasalada pela primeira vez, ou que possui cor de plumagem especifi-



AD OP VD ES/AR - 2004  
Foto: Emerson J Prates

ca. Ainda outros trocam alimento e limpam-se mutuamente tanto com fêmeas como com machos ou ainda somente com outros machos. Porém, as fêmeas raramente escolhem outras fêmeas para acasalar preferindo comumente o sexo oposto. Também pode ocorrer preferência relacionada à idade do par reprodutor. Algumas aves preferem acasalar-se com aves mais velhas e outras com mais jovens e sempre quem é mais seletivo em relação ao parceiro são as fêmeas e isso está de acordo com a Teoria Evolucionista como veremos mais adiante.

Há casos também de fêmeas que apenas são fertilizadas por determinados machos e não por outros, apesar de mostrarem todos os sinais de estarem acasaladas com eles. Registrei atualmente um caso interessante de uma fêmea opalina cobalto que apenas tinha seus ovos fertilizados por machos normais verdes escuros. Isso poderia constituir pura casualidade, mas de pelo menos 15 tentativas diferentes, apenas com os verdes escuros a referida fêmea copulou (três machos distintos). Com os demais troca-

va alimento, entrava no ninho e até fazia posturas de ovos, mas, em nenhum momento aceitou as investidas copulatórias deles. Há ainda um outro caso extremo de um opalina cinza que apenas era fertilizada por um opalino asas canelas verde claro e por mais nenhum outro macho e expressava comportamento semelhante à opalina cobalto em relação aos demais machos.

De qualquer forma todas as expressões comportamentais dos periquitos são atribuídas à combinação de fatores genéticos e ambientais, mas, sobretudo aos genéticos. Manter no plantel periquitos com quaisquer peculiaridades comportamentais negativas seria selecionar aves com prováveis problemas fisiológicos decorrentes de mutações deletérias, fatores ambientes inadequados (deixar fêmeas em contato apenas com fêmeas por ex.), ou ambos. Conservar numa linhagem periquitos com deficiências de qualquer natureza comprometeria o sucesso da linhagem como já foi comentado antes apesar das qualidades físicas desejáveis que os exemplares venham apresentar.

Fatores ambientais podem ser contornados, mas, os genéticos exigem seleção eliminatória. O criador melhorador deve se comparar a um treinador que está selecionando "velocistas". Alguns dos candidatos não possuem o perfil comportamental suficiente para suportar o treinamento. Cabe aqui o rigor seletivo do criador melhorador mantendo apenas aqueles que possuem atributos suficientes para se tornarem vencedores (e também pais de vencedores no nosso caso específico). O apego sentimental aos periquitos deve sair de cena pelo menos até que se logre êxito nas linhagens de campeões que se pretende formar e manter no plantel.

Exemplo disso seria cruzar machos e fêmeas "difíceis" (como o exemplo supra citado) com outros periquitos. Tal atitude poderia perpetuar nas linhagens o surgimento dessas características negativas prejudicando o manejo da criação principalmente se forem consanguíneas. Machos e fêmeas difíceis apresentariam, na melhor das hipóteses, somente problemas hormonais. Motivo suficiente para descartá-los.

Por outro lado, os machos que facilmente se acasalam com qualquer fêmea e mostram comportamento vigoroso, podem

ser utilizados na troca de casais ou em cruzamentos bigamos ou até mesmo polígamos (com até três fêmeas). Embora, nos casos de bigamia que presenciei, o macho tenha cuidado exclusivamente dos filhotes da fêmea "principal" e não da segunda fêmea (comportamento muito interessante) deixando exclusivamente com ela a tarefa de alimentar a ninhada.

A troca de casais seria estratégia importante em detrimento de manter um mesmo casal durante a temporada inteira de criação apesar de que, diferente da bigamia, pode haver um maior dispêndio de tempo entre abrir e formar um novo casal. A vantagem seria separar aqueles casais que não estão produzindo filhotes com a qualidade mínima esperada. Essa estratégia seria fundamental quando o criador iniciou a formação de um novo plantel ou adquiriu novas aves (que deve ser periódica). Tal procedimento permite que o criador além de identificar o macho ou fêmea que melhor se ajustaram enquanto par reprodutor no plantel, aproximar as famílias de ambos os reprodutores cruzando-as entre si.

### *Há indícios de que os psitacídeos são exceções na evolução filogenética das aves.*

Já, quanto aos cruzamentos bigamos, minha experiência demonstrou que podem dar excelentes resultados com razoável ganho de tempo em função de propiciar maior número de periquitos adultos no início de uma nova temporada de cria e também de melhor qualidade, quando um macho for acasalado com fêmeas pré-selecionadas, com as quais já produziu excelentes filhotes em outras ocasiões. Assim, os filhotes de um macho de excelente qualidade poderiam ser utilizados em cruzamentos consanguíneos visando fixar a qualidade desse macho, embora, não devamos esquecer que ambos os pais contribuam para a qualidade genética de seus filhotes de forma equivalente e isso já está provado cientificamente a pelo menos 50 anos (lembramos que os criadores de canários utilizam à bigamia há muito tempo). Falo mais dos machos porque aparentemente eles exibem melhor qualidade genética "visível" (fenótipo) do



FA CO - 2004  
Foto: Emerson J Prates

que as fêmeas e é corrente o fato de que as melhores fêmeas (fêmeas grandes) costumam não criar bem suas ninhadas, exigindo transferência de filhotes. Inclusive algumas fêmeas excepcionais, embora férteis, pois põem ovos normalmente (fêmeas inférteis não colocam ovos), simplesmente não são fertilizados pelos machos com elas acasalados, mesmo havendo o registro de cópulas completas. Não se sabe se isso é devido à película interna dos ovos, muito frágil nesses casos, ou outro motivo ainda desconhecido. Isso pode explicar em parte porque é mais comum encontrarmos machos de qualidade superior do que fêmeas. Talvez pela seleção aleatória.

É óbvio que para realizar os cruzamentos bigamos será necessário alojar os periquitos em criadeiras de maiores dimensões ou mesmo acomodar o trio em uma pequena bateria. Recomenda-se, porém, que o criador esteja atento ao comportamento das fêmeas. Caso elas sejam muito agressivas entre si, podem se ferir mutuamente e/ou entrar uma no ninho da outra eliminando ovos e filhotes. A experiência também demonstrou que quanto maior for o tamanho do viveiro, melhores serão os resultados obtidos nesse caso.

Inclusive, o problema que os criadores antigos enfrentavam quando num pequeno viveiro acomodavam vários casais de periquitos para criar era a incompatibilidade entre fêmeas. Num ambiente de colônia, onde diversos periquitos estão alojados e em contato direto, estabeleceu-se uma competição entre os casais. Casais dominantes, mais agressivos, elimi-

nariam seus concorrentes por alimento e espaço. Principalmente ovos e filhotes vulneráveis. Dessa forma não bastaria colocar maior número de ninhos a disposição dos casais, pois, o comportamento agressivo dos periquitos induziria a competição no grupo, mesmo, que isso poderia ser uma alternativa para tentar reduzir a competição.

Machos vigorosos estimulariam mais facilmente fêmeas férteis competindo entre si pela fertilização das mesmas, mesmo, em espécies monogâmicas como os periquitos australianos. A competição espermática já foi bem estudada pela ciência. A cada ejaculação os novos espermatozoides ao entrarem na cavidade reprodutora das fêmeas destruiriam os espermatozoides anteriores, salvo aqueles que já tivessem fertilizado algum óvulo. Assim, sempre o último macho que tivesse copulado com a fêmea levaria vantagem sobre os demais.

Outro forte indício de competição masculina é o comportamento mostrado pelos machos ao perceberem a abordagem de outro macho concorrente a sua companheira. Ocorre um bater rápido de asas seguido de uma vocalização interessante (rû-rû-rû), que pode evoluir para um salto e bicadas sobre o adversário derrubando-o do poleiro. Em alguns casos antes de bater asas o macho estica e retesa seu corpo certamente para melhor denotar seu descontentamento, advertindo seu adversário.

Mas por que as fêmeas permitiriam a cópula com mais de um macho? Por que

responderiam ao estímulo sexual propiciado por outros machos mesmo pertencendo a uma espécie monogâmica? Por que seriam mais seletivas em relação aos pares reprodutores que os machos? (a resposta será dada no próximo artigo).

### Resumo do texto:

#### Dicas para o melhorador:

1 – Os periquitos possuem personalidades diferentes que podem ser características da linhagem de origem.

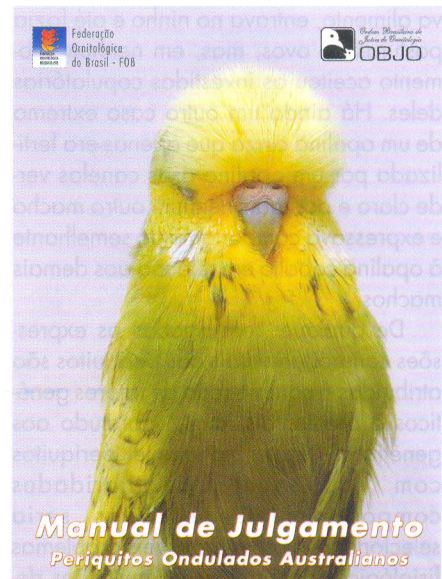
2 - A troca de casais constitui estratégia fundamental para identificar se se deve ou não manter um periquito no plantel reprodutor.

3 - A bigamia pode ser uma das estratégias a serem utilizadas para maximizar o tempo gasto na seleção do plantel.

4 - Casais de periquitos alojados em viveiros comunitários tornam-se muito competitivos entre si em todos os aspectos.

5 – No modelo de bigamia o uso de baterias ou viveiros deve apenas comportar trios formados por um macho e duas fêmeas.

6 – Os modelos reprodutivos de troca de casais e de bigamia oferecem tanto vantagens como desvantagens.



### MANUAL DE JULGAMENTO PERIQUITOS ONDULADOS

72 páginas, + de 90 fotografias de pássaros campeões, + de 90 desenhos.

R\$ 60,00 (+ despesas de correio)

#### Pedidos:

Federação Ornitológica do Brasil  
São Paulo – SP  
Cx. Pt. 61.131  
CEP 05001-970  
**Fone: (11) 3862.4176**

Emerson J. Prates – Juiz OBJO/FOB  
texto e fotos

# Melhorando a qualidade dos Periquitos Ondulados Ingleses

Terceira parte

## 1.2. O comportamento dos periquitos australianos em cativeiro (1ª parte)

Há muitos relatos de criadores sobre o comportamento dos periquitos em cativeiro, entretanto pretendo apresentar aqueles que julgo mais importantes ao melhorador. Algumas observações relatadas a seguir são fruto da minha experiência pessoal em 20 anos de amadorismo ornitológico somados ao meu conhecimento da Teoria Evolucionista que fez parte da minha Dissertação de Mestrado em Psicologia e hoje faz parte da minha tese de Doutorado em Psicologia (Psicologia Comportamental de orientação Evolucionista ou Psico-etologia; Psicologia Comparativa e Psicologia Fisiológica).

Os periquitos australianos são aves de comportamento social como todas as espécies da ordem dos psitacídeos e por isso, costumam ser muito dóceis, solícitas ao manejo, vinculando-se facilmente com seu tratador. Basta uma pequena dose de estímulo diário e teremos periquitos que podem chegar a vir pousar em nossos dedos.

Durante minha infância estava sempre em contato com os periquitos, a imitar seus sons, obtendo sempre respostas, o que demonstrou a necessidade natural dos periquitos de interagir com seu ambiente. O fato de apresentarem comportamento social faz dos periquitos aves inteligentes, ou seja, as pressões evolucionistas exigiram o desenvolvimento de uma memória para reconhecer os componentes do grupo social na espécie. Ter uma memória requer certo refinamento do neocórtex cerebral para poder mantê-la, apesar dos periquitos, como todos os psitacídeos, possuírem os olhos dos lados da cabeça e não na frente como nós. O que indica que possuem um campo de visão periférica mais amplo, embora, não sejam tão bons em focalizar objetos como nós. Indício de que seus cérebros não

necessariamente deveriam ser tão evoluídos como o são. Detalhe interessante é que animais que possuem os olhos, de cada lado da cabeça, sempre servem de alimento aos predadores e, portanto, não precisariam pensar muito, apenas fugir quando percebessem a presença de um predador. Indícios de que os psitacídeos são exceções na evolução filogenética das aves.

Meu contato diário com os periquitos possibilitou concluir que eles possuem cada um uma personalidade específica. Alguns periquitos não permitiam a aproximação enquanto outros vinham comer na mão, mesmo, recebendo igual manejo desde o nascimento. Normalmente os periquitos manejados diariamente, desde o ninho, costumam alcançar uma docilidade incrível a ponto de jamais bicarem as mãos do tratador quando imobilizados. Ficou claro também, que aves oriundas de uma linhagem mostravam comportamento diferente das geradas em outra e a curiosidade de algumas pareceu permitir o maior contato delas com o criador. Isso possibilitaria a seleção de linhagens de periquitos dóceis.

Inclusive, os criadores ingleses recomendam treinar os periquitos jovens que mostram postura inadequada ao pousarem no poleiro (abaixo de 30° em relação ao poleiro). Nesse caso o criador deveria isolar o periquito numa gaiola de exposição e fazê-lo tomar a posição correta no poleiro por meio das mãos ou objeto de madeira (batuta de julgamento, poleiro, etc).

As diferenças individuais refletem-se também no comportamento reprodutivo dos periquitos. Há variações na escolha do parceiro ao qual irão acasalar. Alguns machos acasalam-se facilmente com qualquer fêmea, enquanto outros preferem uma única fêmea, geralmente àquela que foi com eles acasalada pela primeira vez, ou que possui cor de plumagem especifi-



AD OP VD ES/AR - 2004  
Foto: Emerson J Prates

ca. Ainda outros trocam alimento e limpam-se mutuamente tanto com fêmeas como com machos ou ainda somente com outros machos. Porém, as fêmeas raramente escolhem outras fêmeas para acasalar preferindo comumente o sexo oposto. Também pode ocorrer preferência relacionada à idade do par reprodutor. Algumas aves preferem acasalar-se com aves mais velhas e outras com mais jovens e sempre quem é mais seletivo em relação ao parceiro são as fêmeas e isso está de acordo com a Teoria Evolucionista como veremos mais adiante.

Há casos também de fêmeas que apenas são fertilizadas por determinados machos e não por outros, apesar de mostrarem todos os sinais de estarem acasaladas com eles. Registrei atualmente um caso interessante de uma fêmea opalina cobalto que apenas tinha seus ovos fertilizados por machos normais verdes escuros. Isso poderia constituir pura casualidade, mas de pelo menos 15 tentativas diferentes, apenas com os verdes escuros a referida fêmea copulou (três machos distintos). Com os demais troca-

va alimento, entrava no ninho e até fazia posturas de ovos, mas, em nenhum momento aceitou as investidas copulatórias deles. Há ainda um outro caso extremo de um opalina cinza que apenas era fertilizada por um opalino asas canelas verde claro e por mais nenhum outro macho e expressava comportamento semelhante à opalina cobalto em relação aos demais machos.

De qualquer forma todas as expressões comportamentais dos periquitos são atribuídas à combinação de fatores genéticos e ambientais, mas, sobretudo aos genéticos. Manter no plantel periquitos com quaisquer peculiaridades comportamentais negativas seria selecionar aves com prováveis problemas fisiológicos decorrentes de mutações deletérias, fatores ambientes inadequados (deixar fêmeas em contato apenas com fêmeas por ex.), ou ambos. Conservar numa linhagem periquitos com deficiências de qualquer natureza comprometeria o sucesso da linhagem como já foi comentado antes apesar das qualidades físicas desejáveis que os exemplares venham apresentar.

Fatores ambientais podem ser contornados, mas, os genéticos exigem seleção eliminatória. O criador melhorador deve se comparar a um treinador que está selecionando "velocistas". Alguns dos candidatos não possuem o perfil comportamental suficiente para suportar o treinamento. Cabe aqui o rigor seletivo do criador melhorador mantendo apenas aqueles que possuem atributos suficientes para se tornarem vencedores (e também pais de vencedores no nosso caso específico). O apego sentimental aos periquitos deve sair de cena pelo menos até que se logre êxito nas linhagens de campeões que se pretende formar e manter no plantel.

Exemplo disso seria cruzar machos e fêmeas "difíceis" (como o exemplo supra citado) com outros periquitos. Tal atitude poderia perpetuar nas linhagens o surgimento dessas características negativas prejudicando o manejo da criação principalmente se forem consanguíneas. Machos e fêmeas difíceis apresentariam, na melhor das hipóteses, somente problemas hormonais. Motivo suficiente para descartá-los.

Por outro lado, os machos que facilmente se acasalam com qualquer fêmea e mostram comportamento vigoroso, podem

ser utilizados na troca de casais ou em cruzamentos bigamos ou até mesmo polígamos (com até três fêmeas). Embora, nos casos de bigamia que presenciei, o macho tenha cuidado exclusivamente dos filhotes da fêmea "principal" e não da segunda fêmea (comportamento muito interessante) deixando exclusivamente com ela a tarefa de alimentar a ninhada.

A troca de casais seria estratégia importante em detrimento de manter um mesmo casal durante a temporada inteira de criação apesar de que, diferente da bigamia, pode haver um maior dispêndio de tempo entre abrir e formar um novo casal. A vantagem seria separar aqueles casais que não estão produzindo filhotes com a qualidade mínima esperada. Essa estratégia seria fundamental quando o criador iniciou a formação de um novo plantel ou adquiriu novas aves (que deve ser periódica). Tal procedimento permite que o criador além de identificar o macho ou fêmea que melhor se ajustaram enquanto par reprodutor no plantel, aproximar as famílias de ambos os reprodutores cruzando-as entre si.

### *Há indícios de que os psitacídeos são exceções na evolução filogenética das aves.*

Já, quanto aos cruzamentos bigamos, minha experiência demonstrou que podem dar excelentes resultados com razoável ganho de tempo em função de propiciar maior número de periquitos adultos no início de uma nova temporada de cria e também de melhor qualidade, quando um macho for acasalado com fêmeas pré-selecionadas, com as quais já produziu excelentes filhotes em outras ocasiões. Assim, os filhotes de um macho de excelente qualidade poderiam ser utilizados em cruzamentos consanguíneos visando fixar a qualidade desse macho, embora, não devamos esquecer que ambos os pais contribuam para a qualidade genética de seus filhotes de forma equivalente e isso já está provado cientificamente a pelo menos 50 anos (lembramos que os criadores de canários utilizam a bigamia há muito tempo). Falo mais dos machos porque aparentemente eles exibem melhor qualidade genética "visível" (fenótipo) do



FA CO - 2004  
Foto: Emerson J Prates

que as fêmeas e é corrente o fato de que as melhores fêmeas (fêmeas grandes) costumam não criar bem suas ninhadas, exigindo transferência de filhotes. Inclusive algumas fêmeas excepcionais, embora férteis, pois põem ovos normalmente (fêmeas inférteis não colocam ovos), simplesmente não são fertilizadas pelos machos com elas acasalados, mesmo havendo o registro de cópulas completas. Não se sabe se isso é devido à película interna dos ovos, muito frágil nesses casos, ou outro motivo ainda desconhecido. Isso pode explicar em parte porque é mais comum encontrarmos machos de qualidade superior do que fêmeas. Talvez pela seleção aleatória.

É óbvio que para realizar os cruzamentos bigamos será necessário alojar os periquitos em criadeiras de maiores dimensões ou mesmo acomodar o trio em uma pequena bateria. Recomenda-se, porém, que o criador esteja atento ao comportamento das fêmeas. Caso elas sejam muito agressivas entre si, podem se ferir mutuamente e/ou entrar uma no ninho da outra eliminando ovos e filhotes. A experiência também demonstrou que quanto maior for o tamanho do viveiro, melhores serão os resultados obtidos nesse caso.

Inclusive, o problema que os criadores antigos enfrentavam quando num pequeno viveiro acomodavam vários casais de periquitos para criar era a incompatibilidade entre fêmeas. Num ambiente de colônia, onde diversos periquitos estão alojados e em contato direto, estabeleceu-se uma competição entre os casais. Casais dominantes, mais agressivos, elimi-

nariam seus concorrentes por alimento e espaço. Principalmente ovos e filhotes vulneráveis. Dessa forma não bastaria colocar maior número de ninhos a disposição dos casais, pois, o comportamento agressivo dos periquitos induziria a competição no grupo, mesmo, que isso poderia ser uma alternativa para tentar reduzir a competição.

Machos vigorosos estimulariam mais facilmente fêmeas férteis competindo entre si pela fertilização das mesmas, mesmo, em espécies monogâmicas como os periquitos australianos. A competição espermática já foi bem estudada pela ciência. A cada ejaculação os novos espermatozoides ao entrarem na cavidade reprodutora das fêmeas destruiriam os espermatozoides anteriores, salvo aqueles que já tivessem fertilizado algum óvulo. Assim, sempre o último macho que tivesse copulado com a fêmea levaria vantagem sobre os demais.

Outro forte indício de competição masculina é o comportamento mostrado pelos machos ao perceberem a abordagem de outro macho concorrente a sua companheira. Ocorre um bater rápido de asas seguido de uma vocalização interessante (rû-rû-rû), que pode evoluir para um salto e bicadas sobre o adversário derrubando-o do poleiro. Em alguns casos antes de bater asas o macho estica e retesa seu corpo certamente para melhor denotar seu descontentamento, advertindo seu adversário.

Mas por que as fêmeas permitiriam a cópula com mais de um macho? Por que

responderiam ao estímulo sexual propiciado por outros machos mesmo pertencendo a uma espécie monogâmica? Por que seriam mais seletivas em relação aos pares reprodutores que os machos? (a resposta será dada no próximo artigo).

### Resumo do texto:

#### Dicas para o melhorador:

1 – Os periquitos possuem personalidades diferentes que podem ser características da linhagem de origem.

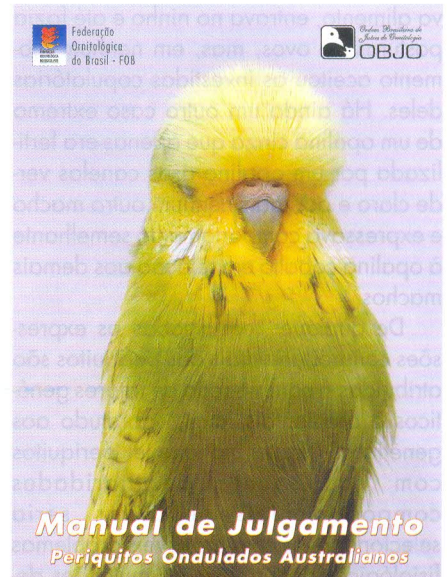
2 - A troca de casais constitui estratégia fundamental para identificar se se deve ou não manter um periquito no plantel reprodutor.

3 - A bigamia pode ser uma das estratégias a serem utilizadas para maximizar o tempo gasto na seleção do plantel.

4 - Casais de periquitos alojados em viveiros comunitários tornam-se muito competitivos entre si em todos os aspectos.

5 – No modelo de bigamia o uso de baterias ou viveiros deve apenas comportar trios formados por um macho e duas fêmeas.

6 – Os modelos reprodutivos de troca de casais e de bigamia oferecem tanto vantagens como desvantagens.



### MANUAL DE JULGAMENTO PERIQUITOS ONDULADOS

72 páginas, + de 90 fotografias de pássaros campeões, + de 90 desenhos.

R\$ 60,00 (+ despesas de correio)

#### Pedidos:

Federação Ornitológica do Brasil  
São Paulo – SP

Cx. Pt. 61.131

CEP 05001-970

**Fone: (11) 3862.4176**